

### 3.03 A infinita poética do ninho de Betânia Silveira

Anita Prado Koneski\*

**Abstract.** *This paper proposes considering the artistic work of the ceramist Betânia Silveira, specifically the exhibition Quiasma, nich the artist shows nests, made of delicate liquid clay strings. The nests infer an odd poetical experience across its enigmatic texture.*

**Keywords:** *ceramic, nest,cbiasm.*

**Resumo.** *O presente texto tem como proposta pensar a obra da ceramista Betânia Silveira, especificamente a exposição Quiasma, em que a artista apresenta ninhos, realizados com delicados fios de barbotina. Os ninhos inferem uma experiência poética ímpar através das suas tramas enigmáticas.*

**Palavras Chave:** *cerâmica, ninho, entrelaçamentos, quiasma.*

#### Introdução

Este ensaio reflete sobre as obras cerâmicas de Betânia Silveira, especificamente a obra intitulada *Quiasma*, que consiste na exposição de artes visuais realizada em 2009, no Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, Brasil.

O texto foi elaborado com participação (ou com as falas) da artista, unindo desta forma o desejo desta teórica de escrever sobre a artista e amiga respaldada pela própria poetiza das formas, a ceramista, subsidiando esta construção teórica. Diante da complexidade da poética da cerâmica, busco com isso não apenas respaldo para falar sobre a técnica, mas principalmente um diálogo com o que faz sentido não só na minha imaginação poética, mas também na imaginação da artista. Assim, o texto firma-se com diversas falas de Betânia Silveira.

Na citada exposição, vemos a cerâmica tramada com outros materiais, como a fotografia, luz, espelho, texto, vidro, sementes, plantas vivas e mortas. Porém, nosso objeto de reflexão centrar-se-á nas obras que remetem aos ninhos, que, apresentadas aliadas a palavras e ao espelho, encantam nosso olhar, num misto de fascínio e perplexidade (Figuras 1 e 2).



**Figuras 1 e 2.** *Ninhos de pássaros recobertos por barbotina. Cerâmica esmaltada, Q. e. 1050 C, e Cerâmica e espelho. Q. gás. 1200 C. Obras de Betânia Silveira (2009). Foto de Eduardo Trauer e Betânia Silveira (2009).*

Segundo Betânia em seu artigo *Percurso e Quiasma*, a exposição *Quiasma* “apresenta-se como fruto de complexa inter-relação de visualidades criadas a partir do entrelaçamento de interesses e pesquisas artísticas com experiências existenciais pessoais”.

Os ninhos foram elaborados com fios de barro, petrificados pela ação das queimas, compondo objetos delicados, extremamente frágeis, depositados sobre espelhos em que vemos escrita repetidas vezes a palavra sonho. Assim, os ninhos resultantes das tramas significativas são, aos olhos do espectador, a princípio, um entrelaçamento de fios cerâmicos, dispostos ao acaso, em que não há como evitar seguir o movimento sutil da composição, que, num segundo momento, reverte-se em reflexão sobre a infinitude misteriosa do labirinto que nos envolve por inteiro e que, como no de Teseu, necessitaríamos ter o fio de Ariadne para trazer-nos de volta. Deslocamo-nos, infalivelmente, da técnica para penetrar na obra, nessa complexidade na qual se insere a artista, misto de técnica e experiências pessoais, o mistério do Outro (a artista) que se faz nosso mistério. A argila líquida (barbotina) certa vez embebeu um ninho verdadeiro do pássaro que partiu, afirma Betânia. Isso lembra Bachelard quando diz que um ninho pode ser uma coisa, uma simples coisa, e, então, é quando temos o direito de tomá-lo nas mãos e desfolhá-lo (Bachelard, 1993, p. 107). Mas Betânia não permite esse acontecimento, ela retoma o ninho, retira-o de seu estado de coisa e

\* Brasil, Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/CEART). Artista visual e professora. Graduada em Filosofia e Artes Plásticas. Doutora em Teoria Literária, pela Universidade Federal do Estado de Santa Catarina UFSC.

confere-lhe a vivacidade do ‘ninho vivo’, de outro modo. Metamorfoseia-o em arte, fazendo-o causar em nós algo semelhante ao espasmo causado pelo ninho vivo, quando nele observamos o mistério da vida, jamais desvendado, e, com cuidado, vemos a vida frágil ali ser gerada, momento em que silenciámos para não afetá-la. Os ninhos de Betânia causam em nós esse mesmo espasmo, pois seguimos cuidadosamente os fios da barbotina que ali se eternizam, percebemos seus mistérios e deles recebemos a impossibilidade do desvendamento desse mistério (Figuras 3 e 4).



**Figuras 3 e 4.** Ítalo, *Valeska, O Pássaro e Eu*. Cerâmica, vidro, espelho e texto (2009). Obra de Betânia Silveira. Foto de Eduardo Trauer e Betânia Silveira (2009).

O mistério acentua-se pela fragilidade, pois como explica a artista, a combinação de fibras vegetais (sisal, palha e rama de coqueiro), fios de algodão, com a argila, constituíam frágeis cerâmicas que frequentemente quebravam. As quebras, segundo a artista, geravam fragmentos que voltavam a ser unidos aos ninhos, formando um ciclo incansável de construção e reconstrução, resultando em novas estruturas. Segundo Betânia, dos muitos fios que se rompiam resultavam novas construções que exigiam constante exercício de paciência e perseverança de busca sem fim, sem previsão dos resultados. Um devir constante. Evidencia-se nesse fato um estreito relacionar-se com o acaso, que se constituía mediante uma técnica complexa, utilizando estruturas de papel jornal, placas e moldes de gesso, para produzir volumes e texturas com o ziguezaguear das linhas, que se entrecruzavam caoticamente, dando vazão ao gesto construtivo, a uma ‘escritura’ pessoal. Depois disso o tempo

encarregava-se de agir, secar a argila para depois aplicar-se, com pincel grosso, outras demãos da barbotina sobre a trama que se estruturava em objetos volumétricos ou outras vezes laminares, como palimpsesto, cuja sequência de camadas recobertas esconde e engrossa a anterior.

### 1. A Infinita poética do ninho

Para Bachelard, a fenomenologia filosófica do ninho começa no momento em que o ninho nos interessa pelo que nele rememora-nos a infância, mas segundo o filósofo, ‘A infância que deveríamos ter tido’, pois raros são os que a vida deu a ‘plena medida de sua cosmicidade’ (Bachelard, 1993, p.106). Assim, como capturar todo o segredo do ninho? Intensa é a frase de Bachelard quando diz: ‘O ninho é o esconderijo da vida alada. Como pôde ficar invisível?’ (Bachelard, 1993). Como pode na mais plena invisibilidade gerar vida sem que dela tomemos fé? Ele parece ficar completamente invisível sob o céu, sustenta-se nas intempéries, distante dos olhares humanos, presente, porém, invisível. Escondido, silencioso, gera a vida alada. Porém, longe da imagem poética, o ninho assume outra conotação, e, então, pode ser tomado nas mãos e esmagado, quebrado e esfarelado pelo homem.

Com essas imagens bachelarianas do ninho, iniciamos nossa reflexão sobre os ninhos de cerâmica de Betânia Silveira, um ninho constituído por um outro modo de ser. São ninhos elaborados pelas tramas sutis da barbotina. Mas podemos aproximá-los dos ninhos ‘vivos’ de nossa infância, pelo que nos fascina, também pela percepção cuidadosa que despertam em nós quando regidos pela fenomenologia da imagem, tal como diz Bachelard. Os ninhos de Betânia não podem ser vistos senão a partir dessa postura. Daí sua radical semelhança com os ninhos vivos. Eles reivindicam uma materialidade (uma forma) fundada na simultaneidade do pulsar da existência da artista ou da cosmicidade da vida. Esses ninhos fascina a imaginação, porém, pela infinitude do que representam, colocam-nos diante do rigor da vida. Vida e morte estão ali, na essencial fragilidade, tal como estão na vida alada. Ou, a própria vida é alada, se pensamos na sua fragilidade frente à morte.

A delicadeza das tramas coloca-nos diante da sutileza da vida, e na obra de Betânia o ninho já não é o ‘esconderijo da vida alada’ (Bachelard, 1993), mas a própria vida humana. Já não temos mexer com o pássaro que choca, mas temos mexer com as questões essencialmente existenciais que contornam as tramas. Viver é tramar.

Nas cerâmicas tudo se reverte, mesmo conservando todas as metáforas ou paralelos com os ninhos vivos. As cerâmicas são ninhos de uma fala essencial, são ninhos que conservam a presença ‘da ausência’, e, como nos ninhos vivos, uma vez passada a primavera, os filhotes voam, mas deixam no aconchego das palhas suas marcas, seus piados, sua presença, que ora fazem eco na ausência. Provavelmente seja este o grande fascínio dos ninhos para a imaginação da infância. Uma vez cheios são invisíveis, uma vez encontrados estão sempre vazios, porém, há de se imaginar o mistério que ali se deu durante a primavera. São assim as obras plásticas ou os ninhos de Betânia Silveira, e encontrá-los, pensar sobre eles, é tomar consciência da infinitude que murmura em sua trama, é reelaborar um percurso por inúmeras vezes, na certeza de nunca encontrá-los satisfatoriamente. O ninho é, então, infinitamente a casa do pássaro, mesmo quando está vazio: eis o mistério. Conserva sempre a presença da ausência. As tramas de barbotina conservam em si o mistério que se dá entre a vida e a morte, esse *quiasma* – intersecções e entrecruzamentos – que faz da vida algo tão frágil que se torna necessário reconstruí-la infinitamente. Os ninhos tramam em torno de um centro o movimento contínuo do *elã vital*, o enrolar-se e o desenrolar-se de um tempo que se faz continuamente presente, tudo está ali, em *Quiasma*, tramado como na existência.

Os ninhos da exposição *Quiasma* são essencialmente isso: a construção da vida, a elaboração da morte, o paradoxo vivo de nossa existência. Tramas de sustentação do labirinto que é a vida, essa que tecemos ora para a primavera da existência, ora para o inverno que está sempre por vir.

Tramas são resultado de experiências que vão marcando o espaço, que remetem a uma memória longínqua, com a capacidade de ser radicalmente presente. Há momentos em que as tramas da cerâmica se juntam, duplicam-se e se reforçam, há de se perceber ali que a vida

usa de artimanhas na sua fragilidade. Muitas vezes desfaz-se em fragmentos, juntamos, reelaboramos os cacos em novas construções, na consciência das incertezas, dos saberes desfeitos, da caminhada errante.

### Conclusão: O desvio das tramas

Podemos dizer que as tramas que tecem os ninhos de Betânia Silveira não nos proporcionam certezas nem clareza. Assim, realizamos uma caminhada errante no momento em que tentamos fazer sua tessitura a partir de nossa imaginação criadora de espectadores. Trazendo Blanchot (1987, p. 223) para participar de nossa fala final, concordamos que:

*Assim como toda obra forte nos tira de nós mesmos, do hábito de nossa força, nos torna fracos e como que aniquilados, também ela não é forte aos olhos do que é, ela está sem poder, impotente, não porque seja o simples reverso das formas variadas da possibilidade, mas porque designa uma região onde a impossibilidade já não é privação, mas afirmação* (Blanchot, 1987, p. 223).

Trata-se de dizer que as tramas sugerem sempre outros caminhos confundindo o olhar, reelaboram outras passagens, sugerem uma efemeridade infinita, diante da certeza. Ensinam-nos sobre a validade das impossibilidades e das certezas, lançam obscuridade frente ao desejo de compreensão, dando-nos apenas o ruído de *algo* que *ali está* sem que saibamos o quê. O desvio das tramas, o ruído que nada diz, mas que, afirma Blanchot, ‘não cessa, porém, de dizer’ (Blanchot, 1987, p.227).

Daí que podemos dizer que a obra de Betânia se afirma a partir de uma realidade que nunca nos é familiar. Ninhos anexados ao espelho e a palavras adquirem uma originalidade infinita, desconhecida, porém, repleta de um significado que está sempre em vias de dar-se, mas nunca realizando sua promessa. Este não realizar-se enche-nos de um movimento de desejo. Desejar é não afastar-se da obra, é aspirar por ela, querer seu mistério não realizado, satisfazer-se com seu processo de desvendamento, continuamente prometendo-se. As tramas do *desvio* realizam essa promessa. Refletem no espelho seu duplo, realizam o mistério do reflexo e das palavras, prometem os sonhos. ●

## Referências

- Bachelard, Gaston (1993) *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Blanchot, Maurice (1987) *O Espaço Literário*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Silveira, Betânia (2009) *Percurso e quiasmas*. Revista da pesquisa, Florianópolis, v. 4, n. 1 [Consult. 2009-12-18] Disponível em <URL: [www.ceart.udesc.br/revista\\_dapesquisa/volume4/.../artigobetania.pdf](http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume4/.../artigobetania.pdf)>.